IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES: PATRIMÔNIO RELIGIOSO DA CIDADE DE JABOATÃO DOS GUARARAPES – PERNAMBUCO

Sérgio Villarim Alves da Silva

RESUMO: A Igreja de Nossa dos Prazeres se localiza em Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana de Recife, Pernambuco, Brasil. O patrimônio histórico foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), inscrito como monumento nacional no livro das Belas Artes v. 1, sob o n.º 2, em 16 de março de 1938 (Processo 05- T/38). A formação do conjunto arquitetônico se destaca no Parque Histórico Nacional dos Guararapes - município de Jaboatão dos Guararapes, nas cercanias da cidade de Jaboatão, o qual se insere e se formaliza no imaginário da população como símbolo religioso católico, constituindo um patrimônio cultural religioso para a cidade de Jaboatão. Esse artigo tem como objetivo analisar a importância do patrimônio cultural religioso da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, para a sociedade em geral. Utilizou-se uma pesquisa bibliográfica para a elaboração do estudo. Suas representações patrimoniais tangíveis e intangíveis, contribuem para a preservação de uma memória identificada como a presença de um passado, expresso em seu símbolo maior e no imaginário, cujos elementos materiais e imateriais juntam-se, complementam-se e formam um sentido que não pode ser separado, nem compreendido de forma fragmentada.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres. Patrimônio religioso. Conjunto arquitetônico.

INTRODUÇÃO

A Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes é um templo da Igreja Católica, localizado no município de Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana do Recife, em Pernambuco, Brasil. O templo abriga o maior conjunto de azulejos seiscentistas fora de Portugal, além de imagens barrocas de grande valor histórico e obras de arte dos séculos XVII e XVIII. A origem do culto a Nossa Senhora dos Prazeres mergulha no mundo imaginário e no simbolismo religioso lusitano, com um fundo comum e idêntico a tradição popular antiga (CORREIA, 2009).

De acordo com o IPHAN-PE (2007), a Igreja foi erguida no topo dos Montes Guararapes em agradecimento às vitórias alcançadas contra os holandeses nas Batalhas dos Guararapes, que ocorreram em 19 de abril de 1648 e 19 de fevereiro de 1649, e a

vitória principal ocorreu no dia de Nossa Senhora dos Prazeres e assim o general Francisco Barreto de Menezes julgou apropriado que a Igreja fosse construída em sua honra, ocorrendo dois anos após a vitória dos Montes Guararapes. Segundo Corrêa (1993), a Igreja foi tombada pelo Patrimônio Histórico em 1938, ganhando consistência no período do Regime Militar, revelando a importância do patrimônio cultural religioso.

De forma geral, estudos sobre o patrimônio cultural religioso são recentes, bem como sua produção historiográfica, sobretudo, no Brasil. Na História, essa produção está inserida, principalmente, na abordagem da História Cultural que, segundo Pesavento (2008), começa ter destaque somente na década de 1970, na Europa e na década de 1990, no Brasil.

Os ritos da vida religiosa pontuam a trajetória das famílias, dos distintos grupos da sociedade brasileira e do mundo de maneira diferenciada ao longo do tempo. Nas camadas mais ricas, os eventos religiosos tornaram-se eventos sociais, cuja comemoração envolve um investimento místico e simbólico significativo (MAUAD, 2008). Esse artigo procura analisar o processo histórico de construção e evolução da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, enquanto patrimônio cultural religioso da cidade e regiões adjacentes.

2 BREVE HISTÓRICO SOBRE O SURGIMENTO DA IGREJA

Em memória às batalhas que ocorreram nos Montes Guararapes (1648-1649), Recife, Estado de Pernambuco, Brasil, o general Francisco Barreto de Menezes, mestre-de-campo, governador da Capitania de Pernambuco e posteriormente Governador Geral do Brasil (18 de junho de 1657 a 21 de julho de 1663), mandou erguer uma capela em louvor a Nossa Senhora dos Prazeres. O pequenino templo, inicialmente com apenas 24 palmos de largura, por 36 de comprimento (5,28m x 7,92m) ocupa hoje a área da capela-mor da atual Igreja, que desde os seus primórdios foi entregue à guarda do Mosteiro de São Bento de Olinda (SILVA, 2008). Depois de concluída a Igreja o mestre-de-campo entregou-a em solene cerimônia realizada no Mosteiro de São Bento, em Olinda, aos frades beneditinos, conforme escritura de doação, em 8 de novembro de 1656.

> O mestre-de-campo, General do Estado do Brasil, Francisco Barreto de Meneses, mandou, em ação de graças, edificar às suas custas, esta Capela à Virgem Senhora Nossa Senhora dos Prazeres, com cujo favor alcançou neste lugar as duas memoráveis vitórias contra o inimigo holandês, a primeira em 19 de abril de 1648, em domingo de Pascoela, véspera da dita Senhora e a segunda em 19 de fevereiro de 1649, em uma sexta feira e, ultimamente, em 27 de janeiro de 1654 ganhou o Recife e todas as mais praças que o inimigo possuía há 24 anos. E recomendou o velho Cabo-de-guerra português aos monges de São Bento, que a capela deveria ser melhorada 'se poder ser, para que vá em crescimento e serviço de Deus'. [...] A sua gratidão à Santa, que lhe valera nas horas de aflição, desespero e dúvida, foi ilimitada. Dos seus próprios recursos fez verter quase tudo que possuía para dar àquela invocação da Virgem o cunho mais imponente e objetivo possível, em relação ao meio e à profundidade religiosa do tempo (GUERRA, 1970, p. 176).

De acordo com Veloso (1978), a capela foi construída em terreno doado pelo Capitão Alexandre de Mora e Albuquerque, Senhor do engenho de Nossa Senhora de Boa Viagem dos Guararapes, parente dos donatários da capitania, o qual morreu solteiro em Portugal, por volta de 1676 e legou o engenho aos seus primos, filhos de Antônio de Sá Maia e de Dona Catarina de Albuquerque.

Conforme Lima (1976), o santuário da Igreja (fundado em 1656), desde então, é administrado pelos monges beneditinos. Em seu interior, a Igreja possui imagens barrocas e obras de arte dos séculos XVII e XVIII e acolhe também os restos mortais de Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira, heróis nas batalhas luso-brasileiras contra os holandeses. Na atualidade, o Santuário ainda é administrado pelos monges beneditinos. A Igreja foi edificada no local onde ocorreram as duas batalhas decisivas na época da invasão holandesa (LIMA, 1976).

> Em todas as sociedades, desde a pré-história [...], o sentido do sagrado intervém convidando a tratar certos objetos, certos lugares, certos bens materiais, como escapando à lei da utilidade imediata. A existência de lares familiares, a do *palladium* da cidade, provavelmente deve ser recolocada na origem ou na base do problema do patrimônio. É preciso aproximar seu destino do de certos objetos comuns, armas e joias, e mesmo edifícios, que, por diversas razões, escaparam da obsolescência e da destruição fatal para serem dotados de um prestígio particular, suscitar uma ligação apaixonada, até mesmo um verdadeiro culto (CHASTEL e BABELON 1994, p. 11-12).

O general Francisco Barreto de Menezes, que futuramente promoveu a construção da Igreja, havia ficado muito tempo preso com os holandeses em Recife, e fugira de lá pouco tempo antes. Devido ao seu posto, foi instituído comandante, mas teve o bom senso de ouvir as decisões de João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, Filipe Camarão (líder dos indígenas), Henrique Dias (líder dos negros) e o sargento-mor Antonio Dias Cardoso – todos esses estavam lutando há anos contra os invasores holandeses. Com isso, na manhã de 19 de abril de 1648, dia em que se comemorou a Festa de Nossa Senhora dos Prazeres, ocorreu o que seria uma das maiores façanhas guerreiras do Brasil – fato infelizmente ainda pouco conhecido pela população atual e pelos estudantes. Foi uma batalha campal de cerca de quatro horas de duração, com numerosos embates, congregando as principais etnias que compõem o povo brasileiro. Esse grupo de guerreiros é considerado a célula-mater do Exército Brasileiro. Com grande perda de homens e ao cair da noite, o exército holandês se retirou, retornando para Recife, deixando a vitória nas mãos dos luso-brasileiros (LIMA, 1976). A capela estava assim descrita no documento original de doação aos beneditinos:

> [...] está feita e acabada de pedra e cal, com trinta e seis palmos de comprimento e vinte e quatro de largura, e de abóboda de tijolo para com um copiar fora da dita capela sobre duas colunas de pedra, é toda a capela e copiar ladrilhado de tijolo. Outro se lhe dá a dita capela provida de um lampadário de prata, que pesa quinze marcos e meia onça, que importa em cinquenta e cinco mil e oitocentos e quarenta réis; dois castiçais grandes que pesam cinquenta e sete onças, que importa em dinheiro em vinte e um e sete mil e quinhentos e vinte réis; uma salva com duas galhetas, que pesavam vinte e seis onças e seis oitavas, que soma em dinheiro treze mil e quinhentos e quarenta réis, tudo avaliado pelo juiz do ofício e aferidor de pesos de Olinda, ourives Manuel Lopes, conforme consta da certidão de 28 de novembro (GUERRA, 1970, p. 176).

De acordo com Veloso (1978), a capela dos devotos manteve-se inalterada por alguns anos, quando entre 1676 e 1680, foi construída no mesmo local uma nova igreja de maiores dimensões, correspondendo à primitiva igreja à capela-mor atual. Da

antiga construção resta apenas a placa em mármore preto, com inscrição que exalta a graça alcançada junto à Nossa Senhora dos Prazeres.

2.1 A CONSTRUÇÃO MAIOR DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES

A Igreja construída inicialmente era menor e mais simples que a existente atualmente. Era uma capela com apenas 36 palmos de comprimento e 24 de largura, como atestam alguns documentos.

> Em memória às duas batalhas dos Montes Guararapes, o general Francisco Barreto de Menezes, mestre-de-campo, General do Estado do Brasil e Governador da Capitania de Pernambuco, mandou erguer uma capela em louvor a Nossa Senhora dos Prazeres. O pequenino templo, com 24 palmos de largura, por 36 de comprimento (5,28m x 7,92m) ocupa hoje a área da capela-mor da atual Igreja, que desde seus primórdios foi entregue à guarda do Mosteiro de São Bento de Olinda (SILVA, 2008, p. 86).

Ao longo dos anos a Igreja sofreu diversas reformas e ampliações, até atingir as características atuais. A primeira ampliação ocorreu em 1676, acrescida de uma nave maior, tendo a antiga capela se convertido na capela-mor nova. No século XVIII, sofreu nova ampliação, adquirindo o frontispício barroco, com duas torres, obtendo sua imponência atual (DECRETO n° 22.175/1948).

> Por volta de 1675 o padre provincial da Ordem de São Bento no Brasil decidiu edificar uma igreja de maiores dimensões, ocupando a capela-mor o espaço da primitiva igreja. O novo traçado foi encomendado ao frei Marcário de São João, do Mosteiro Beneditino da Bahia. Os trabalhos realizados entre 1676 e 1680, vieram adotar o novo templo de uma nave mais larga, sem corredores e de uma sacristia em sua parte posterior. Em 1720, estavam concluídas as obras da capela-mor, do arco cruzeiro e dos altares laterais. O majestoso frontispício, emoldurado por dois campanários sobre pórtico de três arcadas, possivelmente projetado pelo arquiteto Francisco Nunes Soares, porém, é obra do século XVIII, tendo sido concluído em 1795 (SILVA, 2008, p. 87).

De acordo com Guerra (1970), de 1676 a 1680, os religiosos procuraram dar andamento ao desejo do doador da capela e iniciaram uma remodelação e aumento do edifício, tendo os serviços respectivos seguido informações de relatórios dos padres beneditinos, abrangendo apenas uma nave nova, de três janelas de cada lado e dois altares laterais, colocados em dois nichos no frontispício, ficando a ermida (pequena igreja ou capela em lugar ermo ou fora de uma povoação) primitiva transformada em uma capela-mor, cedendo a antiga porta com seu alpendre, a cornija[1] de fachada com seu frontão no novo e atual arco-cruzeiro; uma pequena sacristia no fundo da ermida, transformada em capela-mor, completando as obras entre 1676 e 1680.

Para Veloso (1976), o projeto, de autoria do Frei Marcário de São João, religioso pertencente ao Mosteiro de São Bento, da Bahia, contemplava uma nave[2] mais larga, sem corredores, com um arco cruzeiro e uma sacristia[3] na parte posterior do templo. As pilastras existentes na fachada primitiva foram transportadas e passaram a ser os cunhais[4] da parede de fundo da nave. Ao longo dos anos, outras intervenções foram sendo realizadas na igreja. Data de 1729 a conclusão das obras da capela-mor, do arco cruzeiro e dos altares laterais. O frontispício[5], ladeado por dois campanários[6] sobre um pórtico de três arcadas, é da última década do século XVIII. Existem registros de que tenha sido projetado por Francisco Nunes Soares.

Conforme Silva (2008, p. 88): "o majestoso frontispício, emoldurado por dois campanários sobre um pórtico de três arcadas, possivelmente projetado pelo arquiteto Francisco Nunes Soares, porém, é obra do século XVIII, tendo sido concluído em 1795" (SILVA, 2008, p. 87).

A implantação da Igreja no alto do monte, com área livre em seu entorno imediato contribui para uma maior percepção e destaque do monumento. A vegetação ao seu redor proporciona leveza que dialoga com o cruzeiro em pedra situado no grande

[1] Moldura saliente que serve de arremate superior à fachada de um edifício, ocultando o telhado e impedindo que as águas escorram pela parede; cimalha, corônide.
[2] Nave: interior das igrejas, que vai desde a porta fronteira até o altar-mor.
[3] 2 Sacristia: dependência próxima ao altar-mor, para a guarda dos paramentos litúrgicos e objetos sagrados.
[4] Qualquer ângulo externo formado por duas paredes concorrentes - quina.
[5] Fachada ou frente de um edifício.
[6] Torre onde se encontram os sinos.

pátio à sua frente. É nesse local onde se realiza anualmente a Festa de Nossa Senhora dos Prazeres (MELLO, 1976).

> A Festa de Nossa Senhora das Vitórias, conhecida também por Nossa Senhora dos Prazeres, foi instituída pelo seu fundador em comemoração às vitórias alcançadas sobre os holandeses e acontece anualmente na segunda-feira após o domingo de Páscoa. Pelas suas próprias características, a Festa dos Prazeres logo tomou caráter popular, sobrepujando o religioso, sendo descrita com detalhes curiosos por Bernardino Freyre de Figueiredo Abreu e Castro, quando da publicação do seu romance "Nossa Senhora dos Guararapes", impresso no Recife, em 1847 (SILVA, 2008, p. 88).

De linhas barroco-coloniais, a Igreja possui fachada simétrica e de grande beleza. A fachada é recoberta por azulejos brancos portugueses (SILVA, 2008, p. 87). A proporção vertical é realçada com a marcação de cunhais em pedra (VELOSO, 1978).

No térreo, as três arcadas centrais vazadas refletem a presença da galilé[7], como elemento de transição entre a área externa e interna da igreja. As molduras das portas e janelas são em cercadura de pedra, assim como ornamentos e frisos, que marcam o frontispício em sentido horizontal e vertical. No pavimento térreo as vergas das portas recuadas e das portas de acesso às galerias são retas, enquanto no pavimento superior, o arremate é em meio arco abatido. Um guarda-corpo em balaústre[8] faz a proteção das esquadrias do coro[9], que são separadas por um óculo no eixo central da fachada. Todas as esquadrias, inclusive, do térreo, são elaboradas em madeira com detalhe almofadado[10] (VELOSO, 1978).

O frontão[11] da Igreja é projetado com volutas[12], cimalha[13] em meio arco e um brasão no tímpano[14], que remete à influência barroca na edificação. Uma cruz central e

[7] Alpendre contíguo à igreja, coberto e delimitado por arcadas ou colunatas.
[8] Pequenas colunas que sustentam o corrimão, perfazendo um guarda-corpo.
[9] Local situado acima da porta de acesso e no início da nave, para canto ou reza do coral.
[10] Retângulos reentrantes ou salientes em esquadrias, que podem ou não ser decorados.
[11] Arremate superior triangular nos edifícios clássicos, com três partes: a cimalha, a empena e o tímpano.
[12] Ornato em forma de espiral.
[13] Elemento que arremata a fachada ou parede na parte superior, podendo ser saliente.
[14] Espaço triangular do frontão.

pináculos[15] aplicados no acabamento do frontão conferem equilíbrio à composição. As duas torres sineiras, simétricas, são em secções quadrangulares, tendo a coberta em forma de coroa. Todo esse esmero resulta em uma fachada larga e harmoniosa. Um material recorrente na construção dessa Igreja foram as pedras de arrecifes, presentes, sobretudo, em sua fachada (LIMA, 1976; SILVA, 2008, p. 87).

De acordo com Silva (2008, p. 87): "seu exterior impressiona pelo equilíbrio de suas linhas, predominantemente horizontais, complementadas pela solidez das arcadas do seu átrio". Conforme Veloso (1978), cabe destacar o revestimento de todo o frontispício em azulejo branco português, particularidade que enquadra o monumento como único dentre as edificações religiosas do período colonial, em Pernambuco. Os azulejos portugueses de tapete azuis e amarelos também estão presentes em toda a extensão das paredes internas da nave, que nesse monumento é única, até a altura da cimalha. Os mais antigos recobrem o lado interno do arco cruzeiro da capela-mor e, possivelmente, são remanescentes da primitiva capela.

> O interior do templo é todo recoberto por admiráveis azulejos de tapetes azuis e amarelos, estando os mais antigos na capela-mor (reverso do arco cruzeiro), possivelmente remanescentes da primitiva Igreja, tornando-se um verdadeiro deleite aos olhos dos visitantes (SILVA, 2008, p. 87).

As seteiras[16] e um púlpito delimitado em cantaria[17] também ornamentam as paredes laterais da nave. O coro é simples e possui gradil de madeira e escada de acesso externa. Sua singularidade está na ausência de colunas de sustentação. Uma pintura no forro da nave central, aplicado em forma de chanfro, representa a Virgem dos Prazeres, cuja imagem barroca está presente em nicho do altar-mor (VELOSO, 1978). De acordo com Silva (2008, p. 87): "o altar-mor e os altares laterais são do final do século XVII, executados depois de 1680, época da conclusão da Igreja".

[15] O ponto mais alto de um edifício.
[16] Fresta nas paredes de uma edificação para deixar passar a luz.
[17] Paredes lavradas e cortadas segundo as regras técnicas de divisão e corte dos materiais.

O transepto[18], em desnível em relação à nave, é arrematado com bocel[19] em pedra e delimitado por guarda-corpo em balaústre de madeira do tipo jacarandá. Esse detalhe contribui para conferir monumentalidade à capela-mor. O piso de toda a nave, transepto e galilé é em tijoleira. O arco cruzeiro da capela-mor faz uma composição com os arcos em pedra dos altares laterais. A capela-mor é profunda, projetada com forro em madeira, em abóbada[20] de berço, sem pinturas. É nela que se encontra a lousa em granito, datada de 1656, que marca o cumprimento da promessa feita pelo general Francisco Barreto de Menezes a Nossa Senhora dos Prazeres, também conhecida como Nossa Senhora das Vitórias, pelo resultado favorável aos luso-brasileiros após os dois encontros frente aos exércitos holandeses. Na parede oposta, duas inscrições apontam os restos mortais de João Fernandes Viera e André Vidal de Negreiros, dois heróis da Restauração Pernambucana. O altar-mor e os altares laterais, em madeira, datam de fins do século XVII. Atualmente, encontram-se em processo de restauração (LIMA, 1976).

De acordo com Luna (1866, p. 253), assim foi cumprida a promessa, sendo erigida em 1656 a Capela dedicada aos Prazeres de Maria, no alto dos montes onde se venceu o combate: "[...] para perpetuar a memória e atestar à posteridade que a vitória da batalha dos Guararapes fora devido ao eficaz auxílio da *Mãi de Deos*". É quando o então proprietário do Engenho Guararapes, o Capitão Alexandre de Moura doa ao Mestre-de-Campo, Barreto de Meneses, em 27 de janeiro de 1656, aproximadamente 10ha de terras do engenho, incluindo o local onde a ermida havia sido construída, conforme consta no mapa abaixo. "As terras para construção da primitiva capela foram doadas pelo capitão Alexandre de Moura, proprietário do engenho de Guararapes, que vinte anos depois, autorizou a construção de uma nova igreja, o que aconteceu em 1656" (SILVA, 2008, p. 87).

Assim, foi construída como um "ex-voto": "[...] a Igreja barroca e vasta da Senhora dos Prazeres de Guararapes, que eleva suas torres brancas sobre a vegetação desses montes, pondo no panorama áspero, que domina a imprevista nota da religião e da arte" (BENTO, 1971, p. 18). Após sua construção, em 1656, o templo votivo passou por

[18] Nave transversal como um braço de uma cruz, que separa a capela-mor das naves da igreja.
[19] Parte do piso que se sobressai além da prumada do espelho, formando um dente.
[20] É todo teto côncavo. Abóbada de berço é uma variação do teto côncavo.

ampliações espaciais e remodelações estilísticas, já em 1674, deixa sua característica de ermida para tornar-se, a partir de 1756, uma igreja de aspecto barroco.

Segundo Veloso (1978), os painéis que se encontram em destaque nos altares laterais da Igreja chamam a atenção: a Visita dos Reis Magos e a Circuncisão do Menino Deus. Na sacristia pode-se encontrar um mobiliário em jacarandá, datado de 1748 e um lavabo em mármore português. Os importantes painéis sobre a guerra holandesa, de autoria de José da Fonseca Galvão, de 1801, que se localizavam nesse monumento foram retirados e se encontram hoje sob os cuidados do Instituto Histórico, Arqueológico e Geográfico de Pernambuco (IHAGPE).

Para o completo ornamento destas reformas, todo o interior da nova igreja foi revestido com novos azulejos, embora o piso continuasse em tijolos e ladrilhos de barro cozido, por faltar meios à ordem para empregar a luxuosa pedra de lioz, ao tempo chamada mármore de Lisboa. Desta forma, surgiu a construção dos dois altares: o do Senhor Bom Jesus, no lado do Evangelho, e o da Senhora Santana, ao lado da Epístola (GUERRA, 1970).

De 1736 a 1748 quem dirigiu o Santuário de Nossa Senhora dos Prazeres foi o Frei Pedro de Jesus Maria, tendo ali falecido, em 5 de maio do último ano. O Frei renovou todo o madeiramento da capela-mor da Igreja, estendendo mais a sacristia e lhe assentou os caixões e o altar principal, que hoje existe e os quadros-painéis grandes e os outros pequenos. A imagem de Sant'Ana, com seu resplendor de prata e a coroa das Senhoras, foram obras do seu tempo. Os grandes painéis representando o nascimento de Jesus, a circuncisão, a adoração dos reis magos e a natividade de Nossa Senhora, admitem alguns beneditinos, que tenham sido pintados pelo monge frei Estevão de Loreto Joassar[21], um pintor francês de muita fama, que esteve no mosteiro de Olinda entre 1742 a 1745, ano este em que faleceu (GUERRA, 1970).

Em 1755, o arquiteto Frei Macário de São João levantou uma planta para proceder uma nova reforma, e chegou a iniciar as obras da fachada da igreja, com seus três arcos de pórtico e as bases das duas torres laterais, interrompida em 1759, devido a

[21] Segundo Silva (2008, p. 88), o frei Estevão de Loreto Joassar foi um pintor e arquiteto, monge beneditino francês, residiu no Mosteiro de São Bento, em Olinda, onde faleceu provavelmente entre 1742-1745.

perseguição do Marquês de Pombal aos religiosos da Companhia de Jesus, retornando em 1782, constituindo-se em reformas últimas e definitivas, cabendo o esforço ao engenheiro Francisco Nunes Soares, que dirigiu as próprias obras, ressurgindo com harmoniosos desenhos por cima de arcos e socos de caráter pós-renascentista (GUERRA, 1970).

O mestre pedreiro Inácio Pereira, o oficial carpina José Borges e o destro-oficial-canteiro José Luiz fora, sob sua orientação, os principais artifícies desta obra definitiva. O último, com apenas poucos serventes, durante quase dez anos lavrou toda a pedra que ainda hoje existe na fachada, compreendendo a placa comemorativa, datada de 1782, a cantaria dos cunhais, a moldura das janelas, a tarja do frontão, os balaústres das sacadas, os coruchéus das torres[22]. De Portugal, somente vieram para compor a fachada, em agosto de 1790, 13.358 azulejos brancos, acondicionados em 46 caixões, custando duzentos mil reis (GUERRA, 1970).

Em 1801 colocou-se no fundo da nave da Igreja uma cópia do grande painel histórico, que representa os aspectos da batalha dos Guararapes e, em 1874, Vitor Meireles, o grande pintor patrício, ali esteve durante meses inspirando-se para pintar muitos dos seus quadros. É um templo que recorda a época da invasão holandesa e a luta da Restauração Pernambucana, com seus generais, soldados e oficiais, que antes das batalhas e das reuniões e antes de partir para as lutas sangrentas, rezavam seu terço, oravam à Virgem Santíssima e aos santos de sua preferência, tomavam a comunhão, recebiam a benção do confessor e saíam para o campo da luta com os olhos fitos no céu, a rezar contritamente a Ave Maria (GUERRA, 1970).

O santuário da Igreja é tombado devido seu valor histórico e artístico, a nível federal, pelo IPHAN, considerado um monumento nacional, pelo Decreto n° 22.175, de 03 de agosto de 1948. A Igreja está inserida no perímetro do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, no topo do Morro da Ferradura, criado em 19 de abril de 1971. É uma edificação de grande significado religioso para a história de Jaboatão dos Guararapes, devendo ser conhecida pela comunidade jaboatense (DECRETO n° 22.175/1948).

[22] Coruchéu é o remate piramidal ou cônico de uma torre ou de um campanário.

2.2 O PATRIMÔNIO RELIGIOSO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES

Para abordar o conceito de patrimônio cultural religioso da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres de Jaboatão dos Guararapes, é necessário primeiro retornar à evolução histórica do próprio conceito de patrimônio que em sua origem, surgiu no âmbito privado do direito de propriedade. Neste contexto, não havia patrimônio público e sim um patrimônio com valores aristocráticos, individuais e patriarcais (FUNARI e PELEGRINI, 2006). Os autores discorrem sobre o surgimento do patrimônio cultural religioso, relacionando-o com a disseminação do Cristianismo e predominância da Igreja Católica:

> A partir da Antiguidade tardia (séculos IV-V) e, em especial, na Idade Média (séculos VI-XV), ao caráter aristocrático do patrimônio acrescentou-se outro, simbólico e coletivo: o religioso. Ainda que o caráter aristocrático tenha se mantido, elevaram-se à categoria de valores sociais compartilhados os sentimentos religiosos, em uma pletora formas materiais e espirituais (FUNARI e PELEGRINI, 2006, p. 11).

Nesse sentido, percebe-se que o patrimônio cultural religioso passa a obter significados próprios também para as pessoas comuns, sobretudo, nas formas de culto aos santos (valorização dos rituais) e relíquias sacras (valorização dos objetos e dos lugares). Obviamente, que a elite reagiu, culminando com a "monumentalização das igrejas e a criação de catedrais, que passaram a dominar as paisagens do mundo físico e espiritual" (FUNARI e PELEGRINI, 2006, p. 12). Assim, as sedes dos bispados passaram a representar simultaneamente a noção de um patrimônio com características de coletividade (por possuir caráter público) e aristocracia (por evidenciar a grandeza e beleza contidas na monumentalidade).

O patrimônio cultural religioso da Igreja Católica se adequa ao valor de novidade, o qual se opõe ao valor de antiguidade, sendo seu: "adversário mais temível e valor de arte das grandes massas com pouca cultura" (RIEGL, 2014, p. 71), com uma crítica à massa que só aprecia o que é novo, íntegro e belo.

> As igrejas, as estátuas das pessoas santificadas ou dos santos, os quadros das histórias sagradas encontram-se relacionadas com o redentor divino, representando o que de mais digno a mão do homem pode criar. Como em qualquer obra humana, a consideração do *decorum* exige, como já foi suficientemente sublinhado, um acabamento perfeito de forma e de cor (RIEGL, 2014, p. 78).

O patrimônio cultural religioso brasileiro, na vertente católica, não sendo diferente para a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, é uma herança de Portugal, que além de instituir e controlar a educação, a cultura e os costumes, impôs seu domínio através dos símbolos e práticas religiosas.

> Hoje, a instituição perdeu de seu poder de dominação ao ser instituído o Estado laico, porém, ainda exerce influência tanto sobre católicos quanto sobre os não católicos, por meio da determinação de uma cultura baseada na religião, como feriados, festas, crença nos dizeres bíblicos, no estabelecimento de lugares santos, no seguimento de um calendário estabelecido pela Igreja Católica Apostólica Romana, etc. (BONJARDIM e ALMEIDA, 2012, p. 3).

É notável a influência que a religião católica exerceu e exerce sobre os elementos relacionados ao patrimônio religioso brasileiro através dos seus símbolos e linguagens. Lima (2005) aponta alguns tipos de linguagem, juntamente com sua simbologia, que retratam o patrimônio cultural religioso presente na sociedade: linguagem arquitetônica, linguagem ornamental, linguagem escultória, linguagem cênica, linguagem festiva e linguagem literária.

Pode-se perceber os elementos imateriais presentes na pluralidade expressiva do patrimônio cultural religioso, como, por exemplo: a linguagem decorativa e ornamental do patrimônio, presentes na simbologia da cruz, do terço, das velas e medalhas; as devoções individuais e/ou coletivas ligadas às esculturas das imagens de santos; as representações simbólicas presentes na transmissão de passagens históricas da Bíblia; as procissões que constituem em exposições dos valores e das crenças presentes em determinadas comunidades através das promessas e de ex-votos; as encenações que revivem cenas das lições de catequeses convertendo-a em uma linguagem visual; as

peregrinações e romarias, onde se percebe a transmissão das crenças, os folhetos, hinários, extratos religiosos e poesias e, finalmente, as festas religiosas que promovem a catarse, onde o "humano é vinculado ao divino" (LIMA, 2005, p. 101) e notam-se, muitas vezes, elementos sagrados e profanos fundidos na dinâmica cultural e religiosa (LIMA, 2005).

Todos esses elementos e linguagens que integram a imaterialidade do patrimônio cultural religioso encontrado na Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres são representados e legitimados em determinados pelos espaços nela existentes, fundamentais para simbolizar a identidade de um grupo social. Para Borges (2010), os espaços sagrados fazem parte de um conjunto de referências destinadas a consolidar as marcas do passado e reforçar a proteção espiritual. Assim:

> Tendo em conta a forma como os homens apreendem o espaço, eles atribuem-lhe significados distintos: alguns lugares, por serem privilegiados, adquirem um estatuto especial no recorte espacial e, justamente por isso, lhe são conferidos valores econômicos, afetivos e religiosos, nem sempre excludentes. Os espaços sagrados, como se pode ver, são parte desse processo (BORGES, 2010, p. 127).

Os espaços sagrados da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres de Jaboatão dos Guararapes passam a constituir também referência para a memória dos indivíduos do lugar e, consequentemente, sua preservação. "Assim, a relação que os devotos estabelecem com os espaços sagrados revela formas de preservação de uma memória que se dá em função da relação de respeito ao lugar que abriga uma 'santidade' (BORGES, 2010, p. 128).

Diante da noção de patrimônio cultural religioso que, composto por seus aspectos duais de materialidade e imaterialidade, podem ser entendidos como um espaço sagrado, por denotar implicações simbólicas de origem religiosa, legitimados através de determinados grupos sociais dentro de determinada organização espacial. Por outro lado, e com maior ampliação desse conceito, ao patrimônio religioso também pode ser conferida a noção de lugar de memória, por constituir referenciais onde os elementos simbólicos, vividos no caráter individual ou coletivo, se revestem de imaginação,

experiências e uma aura simbólica, vividos, na prática, através das significações das lembranças dos indivíduos.

É por esse caminho que se trabalha os sentidos e significados da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres enquanto um patrimônio religioso, presente na memória individual e coletiva dos sujeitos que nasceram e/ou que vivem em Jaboatão dos Guararapes, Recife e seus arredores, entendida também enquanto lugar de memória e produtora de identidade cultural religiosa. Além desse patrimônio religioso estimular a memória dos indivíduos que estão, de certa forma, associados a ele, torna-se um elemento material e com desdobramentos imateriais para que o povo jaboatense possa conhecer sua história e parte da história de sua cidade, reconstruindo seu passado, fortalecendo e afirmando sua identidade cultural.

Finalmente, toma-se o fato religioso como estruturas de significado (Levi-Strauss apud CAMURÇA e GIOVANNINNI, 2003), como um conjunto de elaborações lógicas, construídas histórica e socialmente elaboradas, que seguem um trajeto antropológico (DURAND, 2002), cristalizado momentaneamente em pessoas e instituições e possibilitam a estes, manipulações do concreto e de sua realização de forma muito similar. Essas estruturas geram discursos de atores sociais, criando o sistema de significações, onde os bens imóveis (igrejas, peças sacras, etc.) e os eventos realizados a partir deles (procissões, devoções), dão sentido a objetos e rituais, em função de seus interesses e posição dentro do sistema social (CAMURÇA e GIOVANNINNI, 2003).

CONCLUSÃO

A pesquisa levou a concluir que a influência da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, através de suas representações patrimoniais, sejam elas tangíveis ou intangíveis, contribuem para a preservação de uma memória identificada como a presença de um passado, expresso em seu símbolo maior e no imaginário, cujos elementos materiais e imateriais juntam-se, complementam-se e formam um sentido que não pode ser separado, nem compreendido de forma fragmentada. A história da construção da Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres perpassa a própria construção da história de Jaboatão dos Guararapes.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cláudio Moreira. **As batalhas dos Guararapes**. Descrição e análise militar. Recife: Editora Universitária, 1971.

BONJARDIM, Solimar Guindo Messias; ALMEIDA Maira Geralda de. **Apropriação simbólica do território: o catolicismo em Sergipe**. In: Seminário Regional Norte e Nordeste de Pós-Graduação em Geografia, 2., 2012, Campus I João Pessoa. Anais... João Pessoa: [s.ed.], 2012. p. 1-11.

BORGES, Célia Maia. A memória e o espaço sagrado: os colonos e a apropriação simbólica dos lugares. LOCUS - Revista de História, Dossiê patrimônio histórico e cultural, Juiz de Fora, v. 31, p. 119-130, 2010.

BRASIL. **Decreto n° 22.175** de 03/08/1948, n. 2, Livro de Belas Artes, folha 2 em 16/03/1938.

CAMURÇA, Marcelo Ayres Camurça; GIOVANNINI JR. Oswaldo. Religião, patrimônio histórico e turismo na Semana Santa em Tiradentes. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 225-247, out. 2003

CHASTEL, André & BABELON, Jean Pierre. La notion de patrimoine Paris: Éditions Liana Levi, 1994.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. **Festim barroco**. Ensaio de culturanálise da festa de Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes/PE. São Luís/MA: EDUFMA, 2009, 136p.

CÔRREA, Alexandre Fernandes. **Festim barroco**: um estudo sobre o significado cultural da festa de Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes em Pernambuco. Programa de Pos Graduacao em Antropologia – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1993.

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo.; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. Patrimônio histórico e cultural. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GUERRA, Flávio. **Velhas igrejas e subúrbios históricos**. 2. ed. Recife: Fundação Guararapes, 1970.

IPHAN/PE. Jaboatão. Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres. In: **Rotas do patrimônio** - uma viagem através da história. 2021.

LARA, Camila de Brito Quadros. **O patrimônio cultural religioso**: história e memória da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS. [Dissertação]. Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados. 2017.

LIMA, José da Silva. Linguagens do patrimônio cultural e religioso na sociedade. In: CRUZ, Robson. **A transmissão do patrimônio cultural e religioso**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 91-107.

LIMA, Guilherme Cunha. **Testamento do general Francisco Barreto de Meneses**. Parque Histórico Nacional dos Guararapes. **Recife**: IPHAN/MEC, 1976.

LUNA, Padre Lino do Monte Carmello. Memória sobre os montes guararapes e a igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, Edificada em um Delles, de que Faz Menção a Acta Supra. **Revista do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambucano**. Outubro de 1866, n. 13, Typographia do Jornal do Recife. p. 253-289.

MAUAD, Ana Maria. Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias. Niterói: Editora da UFF, 2008. cap. 3.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Uma relação dos engenhos de Pernambuco em 1655**. RIAP, Vol. XLVIII, 1976.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RIEGL, Alois. O culto moderno dos monumentos: a sua essência e a sua origem. Tradução de Werner Rothschild Davidsohn e Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SILVA, Leonardo Dantas. **Pernambuco preservado**: histórico dos bens tombados no Estado de Pernambuco. 2. ed. Recife: L. Dantas Silva, 2008.

VELOSO, Van-Hoeven Ferreira. **Jaboatão dos meus avós**. Recife: Centro de Estudos de História Municipal, 1978.